

VIDA DE EDTUDANTE: O UNIVERSO DAS REPÚBLICAS

Andrei DAMIANI
Fernanda VERNIER
Lucas Campagna FILHO
Marcio GEREMIAS

Audre Cristina ALBERGUINI

Instituto Superior de Ciências Aplicadas, Limeira, SP

RESUMO

República é um tipo de moradia compartilhada por estudantes, normalmente do ensino superior, e gerida por eles. A vida nas repúblicas estudantis da região de Limeira é o tema deste estudo. O trabalho enfatiza como vivem os jovens que deixam suas cidades para iniciar uma nova vida - a de universitários. Como ocorre essa mudança, quais os obstáculos e os pontos favoráveis de se viver em uma república são o foco deste trabalho. A proposta é demonstrar como é a vida desses estudantes, o ingresso em uma república, a convivência, a rotina, os estudos, as festas e o relacionamento com os vizinhos. Por meio de uma reportagem radiojornalística, profissionais especializados, estudantes e pais compartilham histórias e contam sobre o universo das repúblicas estudantis e a vida universitária.

Palavras-chave: Reportagem Especial, Repúblicas, Universitários

INTRODUÇÃO

Este trabalho é um estudo sobre o papel das repúblicas estudantis na vida dos jovens universitários. A proposta é relatar a importância e o significado das repúblicas para os estudantes que optam por esse tipo de moradia.

A escassez de informações mais específicas sobre o objeto, por parte da mídia, foi um dos fatores que levaram à escolha do tema. O desafio de atender a um determinado público

alvo (a classe universitária), e ao mesmo tempo, despertar o interesse de outros segmentos da sociedade, foi outro aspecto preponderante na escolha deste tema.

Morar em república de estudantes é reflexo de ter ingressado na universidade. Escolhida a moradia, começa a vida em grupo. O fato é que não existe uma receita pronta para o bom convívio em uma república. Simplesmente, percebe-se, que não será tão bom e nem tão ruim como em casa, apenas diferente.

Constata-se, também, que a convivência da república com a vizinhança pode ser pacífica se, desde o começo, os estudantes se conscientizarem de que serão responsabilizados por eventuais problemas que possam perturbar a paz da rua. Saber realizar festas com êxito, neste caso, é uma conquista para muitos desses jovens.

O primeiro capítulo retrata questões relativas à juventude e aos jovens nas universidades. No entanto, por ser o foco do trabalho, o destaque fica mesmo para o universo das repúblicas de estudantes.

O segundo capítulo do estudo refere-se ao radiojornalismo e ao rádio, que foi o meio de comunicação escolhido para a divulgação do trabalho. Neste capítulo há tópicos que abordam a história do veículo, o panorama do rádio brasileiro, a linguagem utilizada e suas responsabilidades.

O terceiro capítulo refere-se à metodologia empregada e à descrição do produto elaborado. Além disso, há as considerações do grupo sobre o desenvolvimento deste trabalho.

^[1] Trabalho submetido ao XVI Prêmio Expocom 2009, na Categoria Jornalismo, modalidade vídeo-reportagem.

^[1] Aluno líder do grupo e estudante do 8º. Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: vernier.fernanda@gmail.com

^[1] Estudante do 8º. Semestre do Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email: andrej_mycz@yahoo.com.br

^[1] Estudante do 8º. Semestre do Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email lucascampagna@gmail.com

^[1] Estudante do 8º. Semestre do Semestre do Curso de Comunicação Social - Jornalismo, email marciogeremias@hotmail.com

^[1] Orientadora do trabalho. Professora do Curso de Comunicação Social – Jornalismo, email: audreunip@yahoo.com.br

Objetivo

A história das repúblicas no Brasil começa com o surgimento dos primeiros cursos superiores no país. Há registros de repúblicas montadas em meados do século 17, onde estudantes de uma mesma cidade se reuniam para dividir as despesas de moradias nos municípios onde freqüentavam os cursos. Na Europa e Estados Unidos, há registros de funcionamento de repúblicas na segunda metade do século 18.

Conforme Parra (2008, p.10), não se pode comparar os tempos de repúblicas de antigamente com as repúblicas de hoje. Isso se deve ao fato de ter várias mudanças ao longo desse tempo, sendo elas tanto no aspecto social como também no econômico.

Não dá para estabelecer qualquer paralelo entra as repúblicas do meu tempo (década de 60) e as repúblicas de hoje. O momento político era outro. Vivíamos o período revolucionário, quando a liberdade era restrita. A tecnologia era incipiente. Eu tinha dificuldade para fazer uma ligação para Campinas (minha terra atual) sem o uso de

uma central telefônica; poucos alunos tinham carro, o que limitava a locomoção e exigia uma permanência maior na cidade (PARRA, 2008, p. 10).

Segundo o ex-ministro da Agricultura e ex-aluno da Esalq, Roberto Rodrigues (2008), a república é a síntese da liberdade com a responsabilidade. Longe do controle paterno, o jovem se deslumbra com a liberdade, mas aprende a usá-la.

Descobre muitas vezes o sexo, a bebida, o jogo e a forma de controlar seu próprio dinheiro. Correndo todos os riscos que tais novidades oferecem, aprende a usar e enfrentar as paixões, a administrar o amor e o ódio; aprende a tolerar; enfrenta mentira, a maldade, sofre com a segregação e valoriza a lealdade, a sinceridade, o idealismo. Aí tudo se discute, as ideologias se entrecrocavam, lágrimas se derramam, adapta-se a tudo. Quem passou pela república está pronto para viver em sociedade: escola da vida (RODRIGUES, 2008, p. 12).

O começo da vida nova, no entanto, é sempre parecido entre os estudantes. Para quem vai estudar em outra cidade, o primeiro problema a ser contornado é a moradia. Por não conhecerem ninguém, muitos optam por uma pensão nos primeiros meses. Ao longo do tempo, à medida que vão fazendo amizades, acabam dividindo um apartamento ou formando uma república com outras pessoas. República, nesse sentido, é o local de moradia de estudantes que se mudam de sua cidade natal para uma cidade onde vão estudar.

De norte a sul do país, as repúblicas são uma realidade de universidades e faculdades sejam elas públicas ou privadas. Com seus códigos de ética, lemas, dicionário e regras revelam o comportamento do estudante que sai de casa para estudar fora. (MORATORI, 2003).¹

Nem todas as repúblicas são iguais. As diferenças existem não só pelo número ou perfil dos habitantes, mas pela região onde está localizada, pelas regras estabelecidas, pelas curiosidades. Apesar de terem a mesma função – servir de moradia para os estudantes universitários - cada uma tem suas particularidades que se adaptam melhor de acordo rotina e costumes dos moradores. O tamanho e o tipo de república também variam muito de uma para outra. Geralmente, em lugares mais tradicionais, as repúblicas estão instaladas em casas antigas. Em outras regiões como São Paulo, muitas repúblicas estão localizadas em edifícios, chegando a ter prédios quase inteiros só com esta finalidade.

Morar em república de estudantes é reflexo de ter ingressado na universidade, sentir-se independente, criar juízos, mas com responsabilidade. Segundo José Roberto Postali Parra (2008), engenheiro agrônomo e professor universitário, é nessa fase da vida que há necessidade de auto-afirmação, a possibilidade de passar a andar com as “próprias pernas”, sem ter os pais a acompanharem os passos.

Por outro lado, existe um grande desafio: a responsabilidade de viver em comunidade, dividindo os problemas com pessoas de índoles diferentes, de cidades diferentes, de formações culturais e educacionais diversas, de diferentes classes econômicas. O início para muitos é difícil, porém, vencida esta fase inicial, esta nova forma de convívio é extremamente gratificante. Após este período de adaptação, constata-se que, em repúblicas, as desigualdades são irrelevantes e o sistema igualitário o predominante (PARRA, 2008, p. 10).

Viver longe da família é, na experiência de morar fora, o fator que mais preocupa calouros e também pais. Mas é também um dos que mais contribuem para o amadurecimento

peçoal e constitui uma etapa que poderá definir a vida destes estudantes para sempre. A decisão entre um apartamento ou uma república envolve muita reflexão.

A vantagem da república é facilitar a criação de laços sólidos de amizade entre os estudantes, o que é muito útil para amenizar a saudade de casa e deixar o jovem mais seguro.

Para a psicóloga da Universidade Estadual do Sudoeste da Bahia (Uesb), Gisele Campos (*apud* CANGUSSU; LEDO, 2007)² existe uma procura maior pelas repúblicas em consequência dos estudantes universitários buscarem também maior liberdade. “Os pensionatos, em alguns casos, oferecem mais conforto, mas os jovens encontram menos liberdade. É como se estivessem subordinados ao estilo de vida dos donos da casa. Já nas repúblicas, cada um cria sua rotina, seu modo de vida” (CAMPOS, 2007).

Para a psicóloga Ceres Alves de Araújo (*apud* LIMA, 1999), da Universidade de São Paulo (USP), a experiência de morar longe é valiosa para o futuro dos jovens.

Como o controle familiar é mais brando por causa da distância, duas situações de conflito muito comuns na relação entre pais e filhos são minimizadas. O primeiro caso é dos pais que fazem tudo para os adolescentes. Na ânsia de ajudar, eles criam jovens mimados e tiram a capacidade de iniciativa dos filhos. São aqueles jovens que acham muito natural ganhar um carro do pai aos 18 anos e um apartamento aos 21. O segundo caso é do adolescente que, por uma rebeldia sem causa, entra em atrito desnecessário com os pais. Em qualquer desses casos, sair mais cedo do ninho familiar contribui para o amadurecimento. É o treinamento de independência perfeito para transformar uma criança em adulto (ARAÚJO *apud* LIMA, 1999).

Estudantes entrevistados pelo site da Rede Integral de Ensino³, em dezembro de 2005, relacionaram dicas úteis para quem pretende morar fora. Algumas delas são:

1) Antes de fixar residência, escolha a moradia sem pressa. Visite a cidade onde vai morar ou peça informações a respeito dos locais mais convenientes.

2) Não é fácil, na primeira vez, encontrar os companheiros ideais para morar junto. Portanto, é uma boa idéia conhecer muitas pessoas e estudar cada proposta direito. Mas não se iluda: sempre haverá discussões, consequência direta de se juntar pessoas com vivências e preferências diferentes.

3) É melhor evitar reunir só calouros na casa. Gente mais velha já sabe como funciona, ajuda quem ainda não está habituado a morar sozinho.

4) A convivência se torna muito fácil quando são deixados de lado caprichos de cada um e comparações com a casa da família. Ao mesmo tempo, não será tão bom e nem tão ruim como em casa, apenas diferente.

5) Na hora de alugar um imóvel as cláusulas do contrato exigem muita atenção. A maioria dos estudantes nunca lidou com as questões burocráticas do aluguel. Peça a ajuda dos pais.

6) A convivência da república com a vizinhança pode ser pacífica se, desde o começo, os estudantes asseguram aos moradores que são sérios e não querem perturbar a paz da rua. Informar as datas das festas aos vizinhos com antecedência ajuda a minimizar eventuais conflitos.

7) Não é interessante juntar alunos só do mesmo curso. Reúna estudantes de Humanas, Exatas e Biológicas sem o menor receio. As consequências são as melhores possíveis: mais

informação sobre as diferentes áreas do ambiente acadêmico e discussões enriquecidas por pontos de vista variados.

Segundo a assessora para assuntos comunitários e culturais da Unifran (Universidade de Franca), Sabrina Novaes (2004)⁴, além dos eventuais problemas de convivência que podem surgir entre os integrantes de uma república, enfrentar a solidão, o estresse e a saudade dos pais e amigos da cidade natal são um desafio para os estudantes que saem de casa para estudar.

As alternativas para enfrentar o problema da solidão e do isolamento variam entre a transformação do apartamento em um espaço de convivência e a organização de atividades de lazer diversificadas como uma oportunidade de socialização.

No entanto, o mais importante é aprender a conviver em grupo. Essa rotina serve como uma lição de vida que estará no currículo do estudante para sempre. E, certamente, eles carregarão este momento da vida como um dos mais significativos de suas existências.

1.6. Drogas e festas

Segundo a psicóloga Thais Helena Mourão Laranjo e a pesquisadora Cássia Baldini Soares (2006)⁵, estudos realizados com alunos residentes em moradias estudantis universitárias em São Paulo levam a crer que morar longe da família aumenta a chance de uso de drogas. Os poucos estudos qualitativos relativos ao tema “drogas e universitários” sugerem que mudanças nos padrões de sociabilidade e de inserção social são capazes de afetar a frequência de consumo de maconha. Para estudantes da área da saúde, o meio universitário estimula o consumo abusivo de álcool, que é visto como moda e sinal de maturidade, causando o isolamento dos que têm atitudes contrárias. “Os moradores constituem um grupo heterogêneo, pois são provenientes de cidades, Estados e países diferentes e isso se reflete na visão deles sobre o consumo e o consumidor de drogas, bem como nas sugestões para amenizar os possíveis problemas decorrentes” (LARANJO; SOARES, 2006).

Enquanto parte dos moradores ressaltou a necessidade de menor tolerância ao consumo de drogas, outra parte destacou a importância de trabalho educativo, principalmente com os ingressantes.

Quem escolhe esse tipo de moradia também deve estar disposto a aceitar festas, que são comuns nesses locais. Para a jornalista Christianne Visvanathan (2008)⁶, quanto maior e mais animada a festa, mais bem conceituada se torna a república.

Sob o pretexto de confraternização, muitas vezes os estudantes desrespeitam os direitos de seus vizinhos com barulho, música alta e uso de drogas em áreas comuns do prédio. Nestes casos, o problema pode parar em delegacia ou na Justiça. E a festa acaba (VISVANATHAN, 2008).

Para que isso não ocorra, o ideal é adotar a tradicional política da boa vizinhança, e garantir, assim, a continuidade da festa.

1.7. A Convivência

⁴ O artigo Morar em república, de Sabrina Novaes, foi disponibilizado no site: http://www.universia.com.br/html/materia/materia_cjif.html, em 22/03/2004, e acessado no dia 13/04/2008.

⁵ O artigo Moradia universitária: processos de socialização e consumo de drogas, de Thais Helena Mourão Laranjo e Cássia Baldini Soares, foi postado no site: <http://www.scielo.org/pdf/rsp/v40n6/10.pdf>, e acessado no dia 31/08/08.

⁶ O artigo Como funcionam as repúblicas de estudantes, de Christianne Visvanathan, foi postado no site: <http://pessoas.hsw.uol.com.br/republicas2.htm>, e acessado no dia 20/09/08.

Ao fazer planos de morar com os amigos, muitos estudantes esquecem que não estarão mais sob a proteção dos pais, portanto terão que arcar com todo o tipo de situação, seja cuidar das tarefas domésticas ou verificar as contas da casa. Outro problema muito comum e determinante para a sobrevivência da república é o convívio com os outros moradores. Passar algumas horas do dia com os amigos é extremamente diferente de morar com eles. Às vezes, o estudante não se importa com certos hábitos dos colegas, mas, a partir do momento que dividem uma moradia, pequenos defeitos se transformam em problemas gigantes.

Ao decidir-se por morar em uma república, uma das primeiras coisas estabelecidas são os limites de cada um, isto porque os moradores têm hábitos e manias singulares, que, de repente, passam a ser compartilhados com outras pessoas. Em algumas repúblicas são criadas regras para separar o que pertence a cada morador. Mas não é só a comida o alvo das divisões.

Segundo a jornalista Ana Caroline Éden (2008)⁷, em algumas repúblicas, os eletrodomésticos também são separados entre os de uso individual e coletivo. “Geralmente, aparelhos como telefone e televisão são compartilhados, mas não o computador. Em repúblicas habitadas somente por meninas, também é muito comum notar o empréstimo de roupas” (ÉDEN, 2008).

Ao sair de casa e ir morar em uma república, os estudantes deixam de conviver com a família, e muitas vezes também com os bichos de estimação. Bobagem para alguns, os animais são de extrema importância para outros, que não medem esforços para tê-los como companhia. Mas cuidar e manter um bicho de estimação não é fácil, especialmente quando se mora em uma república.

Ainda conforme Éden (2008), a decisão de ter um bicho de estimação em casa deve ser aprovada por todos os moradores, já que novas obrigações serão exigidas. Também é preciso ver se o tipo de animal escolhido é compatível com o ambiente e com a rotina dos moradores.

Não é recomendável ter um animal em casa, se todos os moradores passam o dia todo na rua, como é o caso dos estudantes que estudam e trabalham. Fora a parte burocrática, ainda existe o lado financeiro. Qualquer animal gera despesas e muitas vezes nem todos estão dispostos a pagar (ÉDEN, 2008).⁸

Normalmente, a república é formada por diversos moradores que nem sempre têm a mesma opinião e os mesmos costumes. Alguns namoram, outros não, e, às vezes, essa divergência de pensamento acaba deixando o clima mais tenso dentro da casa. Os estudantes que namoram devem estar cientes de que há mais gente morando na república, e por isso não devem fazer da casa o único ponto de encontro para se namorar ou discutir a relação.

Para tentar evitar discussões à toa, algumas pessoas estipularam certas regras na república como a proibição dos namorados/as de dormirem no local, ou até mesmo de frequentar o ambiente sem a presença do companheiro/a. Por outro lado, quem não tem namorado deve, na medida do possível, mostrar paciência para não ser mal interpretado e visto como invejoso (ÉDEN, 2008).⁹

É preciso tomar algumas precauções para que o novo lar não se torne um chiqueiro. Um bom começo é conversar como os demais companheiros e organizar uma rotina de tarefas, pois assim, todo mundo ajuda. Segundo a também jornalista Karen Fukuyama

⁷ O artigo Os meus, os seus, os nossos, de Ana Caroline Éden, foi postado no site: <http://www.unimais.com.br/portal/default4.asp?s=república2.asp&id=249&titulo=Os%20meus,%20os%20seus%20e%20os%20nossos>, no dia 07/05/08, e acessado no dia 15/09/08.

(2008)¹⁰, dividir a casa em blocos como sala, corredor, banheiro e cozinha, pode ser uma boa alternativa, pois assim pode-se criar um rodízio entre os moradores e os cômodos da casa.

Outra alternativa é a contratação de uma faxineira. O valor que elas cobram normalmente não vai afetar muito na hora do acerto de contas da república. Manter a república limpa parece ser impossível, mas não há nada melhor do que dois fatores para isso acontecer: conversa e organização (FUKUYAMA, 2008).

De fato, morar em república é uma experiência e tanto. Experiência, esta, que será levada para a vida inteira.

A reportagem especial

A reportagem especial *Vida de Estudante: o universo das repúblicas* foi produzida a partir de entrevistas com fontes selecionadas, levando-se em consideração dois critérios principais: que tivessem ligação com alguma república de estudantes, ou, que, de algum modo, tivessem conhecimento sobre o tema.

As áreas de atuação foram, predominantemente, os municípios de Araras, Limeira e Piracicaba. Os capítulos foram estruturados em três blocos, buscando descrever, sem interferir, a convivência entre os estudantes, além de pontos polêmicos que envolvem a vida universitária longe da casa dos pais, como liberdade, responsabilidades, estudos, festas e relação com vizinhos.

Foram selecionadas trilhas dinâmicas que se relacionam com o formato do produto e do tema escolhido. A introdução e os efeitos sonoros foram preservados em todos os blocos.

A reportagem especial está dividida em três blocos, no total de 11 minutos e 20 segundos. O primeiro bloco trata da escolha dos estudantes por viverem em repúblicas e os fatores que estes levam em conta nesta opção.

O segundo bloco trata da convivência dos estudantes nas repúblicas – os desafios e mudanças ocasionados na vida de estudantes e familiares.

O terceiro bloco aborda uma questão polêmica das repúblicas: as festas. Essas ocasiões são momentos de descontração e confraternização entre os estudantes, mas podem gerar problemas com vizinhos, pelo barulho e pela bagunça que causam.

Descrição do produto

O objeto deste trabalho são os jovens que, durante o curso universitário, residem em repúblicas estudantis. Optou-se por este tema devido à falta de informações mais profundas sobre o assunto, que pudessem orientar melhor os jovens nesse momento importante de suas vidas. Mesmo sendo do interesse de uma parcela da sociedade – a classe universitária – a mídia, de uma forma geral, pouco trata a questão.

O veículo escolhido foi o rádio, pois, dentre os meios de comunicação, é o que mais se assemelha aos jovens quanto as suas características, tais como o dinamismo, a agilidade, o imediatismo, a interatividade e a autonomia. O formato foi de reportagem especial, uma vez que este gênero propicia ao ouvinte uma noção mais abrangente e dinâmica a respeito do fato narrado.

A linguagem adotada foi espontânea, incisiva, dinâmica, vibrante e simples, possibilitando ao ouvinte assimilar a idéia que se pretende comunicar.

3.1. Métodos e Técnicas

A pesquisa realizada para a produção da reportagem especial *Vida de Estudante: o universo das repúblicas* foi descritiva e qualitativa. Para o desenvolvimento do trabalho, foram empregadas as técnicas de pesquisa bibliográfica, observação sistemática e entrevistas semi-estruturadas.

O grupo realizou pesquisas bibliográficas sobre jovens no Brasil, estudantes de ensino superior, histórico das repúblicas, quantidade e localização das repúblicas no país, a vida em repúblicas e questões que envolvem a convivência e a vida dos estudantes nessas moradias.

Também foram feitas observações sistemáticas, que, segundo Marconi & Lakatos (2005, p. 195) realizam-se em condições controladas, para responder a propósitos preestabelecidos. As normas, não necessariamente precisam ser rígidas, pois tanto os objetos e objetivos da investigação podem ser muito diferentes. Neste trabalho, empregou-se a observação sistemática em repúblicas estudantis e em festas realizadas nas repúblicas.

Outra técnica utilizada foi a entrevista semi-estruturada, em que se segue um roteiro padrão de perguntas, mas há liberdade, por parte do entrevistador, de se fazer perguntas até então não previstas no roteiro. Foram realizadas entrevistas com universitários que vivem em repúblicas, pais de estudantes que moram fora, policial, vizinhos de repúblicas e psicóloga (ver pauta das entrevistas no anexo).

3.2. A reportagem especial

A reportagem especial *Vida de Estudante: o universo das repúblicas* foi produzida a partir de entrevistas com fontes selecionadas, levando-se em consideração dois critérios principais: que tivessem ligação com alguma república de estudantes, ou, que, de algum modo, tivessem conhecimento sobre o tema.

As áreas de atuação foram, predominantemente, os municípios de Araras, Limeira e Piracicaba. Os capítulos foram estruturados em três blocos, buscando descrever, sem interferir, a convivência entre os estudantes, além de pontos polêmicos que envolvem a vida universitária longe da casa dos pais, como liberdade, responsabilidades, estudos, festas e relação com vizinhos.

Foram selecionadas trilhas dinâmicas que se relacionam com o formato do produto e do tema escolhido. A introdução e os efeitos sonoros foram preservados em todos os blocos.

A reportagem especial está dividida em três blocos, no total de 11 minutos e 20 segundos. O primeiro bloco trata da escolha dos estudantes por viverem em repúblicas e os fatores que estes levam em conta nesta opção.

O segundo bloco trata da convivência dos estudantes nas repúblicas – os desafios e mudanças ocasionados na vida de estudantes e familiares.

O terceiro bloco aborda uma questão polêmica das repúblicas: as festas. Essas ocasiões são momentos de descontração e confraternização entre os estudantes, mas podem gerar problemas com vizinhos, pelo barulho e pela bagunça que causam.

Considerações finais

Primeiramente, porque escolhemos o veículo rádio? Sendo nosso produto voltado para o público em geral, mas focado no jovem, o rádio foi o meio escolhido para desenvolver nosso produto, por ser o companheiro do jovem em todos os momentos, seja no carro, na hora do banho, no trabalho e em várias outras ocasiões.

Estatisticamente, o maior público do rádio é o jovem de 15 a 25 anos, mas também atinge outras faixas etárias, já que a chamada adolescência está se prolongando cada vez mais, tanto nos maiores de 25 anos, como nos menores de 15.

O tema vida em república nos encantou desde o primeiro momento, tanto pela maravilhosa experiência proporcionada aos jovens, quanto por ser mal explorado pelos meios de comunicação em geral, tanto é que tivemos certa dificuldade em encontrar bibliografia que tratasse o tema.

Viver em república é uma experiência muito rica para o jovem que tem a oportunidade de passar por ela. É uma forma de aprender a viver em grupo e, ao mesmo tempo, sem a proteção da família, de se virar sozinho, fazer amigos para a vida toda e, é claro, estudar.

Ao desenvolver este trabalho, nosso grupo teve um aprendizado incrível, participando das experiências, alegrias, tristezas, brigas e festas vividas pelos moradores, parentes, vizinhos, enfim, todos os que têm contato com este universo fascinante.

Como nenhum dos participantes do grupo teve a oportunidade de viver em uma república, sentimos o gostinho dessa experiência e pudemos mesmo que momentaneamente, participar da vida em república. É exatamente isso que queremos passar a quem ouvir a nossa reportagem especial, como é a *Vida de Estudantes: O universo das repúblicas*.

REFERÊNCIAS

ARÊAS, Guilherme. **Popularidade: o Rádio a Serviço da Educação**, 2007. Disponível em: http://www.nead.ufjf.br/index2.php?option=com_content&do_pdf=1&id=141 Acesso em: 10 de novembro de 2008, às 21h28.

BAHIA, Juarez. **Jornal, história e técnica: A história da imprensa brasileira**. 4.^a Edição. São Paulo: Editora Ática, 1990 – volumes I e II.

CANGUSSÚ, Andressa; LEDO, Mirna. **Até que as brigas os separem**, 21 de dezembro de 2007. Disponível em: http://www.nucleouniversitario.com.br/mm_república.html. Acesso em: 13 de abril de 2008 às 21h41

CÉSAR, Cyro. **Rádio a mídia da emoção**. São Paulo: Summus, 2005.

CHANTLER, Paul, HARRIS, Sim. **Radiojornalismo**. São Paulo: Summus, 1998.

CUNHA, Magda. **Rádio e Internet: o encontro de duas grandes invenções**. Artigo disponível em <http://reposcom.portcom.intercom.org.br/dspace/bitstream/1904/17662/1/R1760-1.pdf>, acessado em 29 de março de 2008, às 22h53.

FERRARETTO, Luiz Artur. **Rádio – O veículo, a história e a técnica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 2000.

_____; KOPPLIN, Elisa. **Técnicas de redação radiofônica**. Porto Alegre: Sagra-Luzzatto, 1965.

GROPPO, Luis Antonio. **Juventude: ensaios sobre sociologia e história das juventudes modernas**. Rio de Janeiro: Difel, 2000.

ÍNTEGRA. **Longe de casa**, 08 de dezembro de 2005. Disponível em: <http://www.revistaintegra.com.br/revistaintegra08/longedecasa.htm>, acessado em 13 de abril de 2008 às 23h38

JUNG, Milton. **Jornalismo de rádio**. São Paulo: Contexto, 2004.

LAKATOS, Eva M.; MARCONI, Marina de Andrade. **Fundamentos de Metodologia Científica**. 6.^a ed. São Paulo: Atlas, 2005.

LIMA, Mauricio. **Aula longe de casa**, 22 setembro 1999. Disponível em: http://veja.abril.com.br/220999/p_104.html. Acesso em: 13 de abril de 2008, às 22h30.

LUSTOSA, José Elcias. **O texto da notícia**. Brasília: UnB, 1996.

MORATORI, Deborah. **Repúblicas**, 02 novembro 2003. Disponível em: <http://www.acesa.com/vestibular/arquivo/fique/2003/11/13-republica/>. Acesso em 12 de abril de 2008, às 23h07.

MOREIRA, Sônia Virginia. **O rádio no Brasil**. Rio de Janeiro: Rio Fundo Editora, 1991.

NOVAES, Sabrina. **Morar em república**, 22 de março de 2004. Disponível em: http://www.universia.com.br/html/materia/materia_cjif.html. Acesso em: 13 de abril de 2008, às 23h56.

ONG, Walter J. **Oralidade e Cultura Escrita**. Trad. Enid Abreu Dobránsky. São Paulo: Papyrus, 1998.

ORTIWANO, Gisela Swetlana. **A informação no rádio: os grupos de poder e a determinação dos conteúdos**, São Paulo: Summus, 1985.

PARADA, Marcelo. **Rádio: 24 horas de jornalismo**, São Paulo: Editora Panda, 2000.

PARRA, José Roberto Postali. Conselho de Repúblicas, gestão 2007-2008. Esalq, Usp, São Paulo.

PEDROZA, Ciro. **Oficina de Rádio: Linguagem, Técnica e Estética**, 2006. Disponível em <http://www.canaljustica.jor.br/palestras/oficinaradio.doc>. Acesso em 08 de novembro de 2008, às 19h33.

PORCHAT, Maria Elisa. **Manual de Rádiojornalismo Jovem Pan**. 2ª ed. São Paulo: Ática, 1989.

SÉRVULO, Priscila. **A vida longe de casa**, 17 de fevereiro de 1999. Disponível em: http://veja.abril.com.br/170299/p_094.html. Acesso em: 13 de abril de 2008, às 23h20.

TAVARES, Reynaldo C. **Histórias que o Rádio não contou: do Galena ao Digital, desvendando a Radiodifusão no Brasil e no Mundo**. 2ª Edição. São Paulo: Harbra, 1999.

TONNETTI, Flávio. **Repúblicas estudantis de Ouro Preto: uma educação para a vida**, 30 de novembro de 2007. Disponível em: <http://www.ensino.blog.br/2007/11/30/republicas-estudantis-de-ouro-preto-uma-educacao-para-a-vida/>. Acesso em: 14 de abril de 2008, às 00h19.